

La Comédiathèque



Jogo de Escape

Jean-Pierre Martinez



comediathèque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

Jogo de Escape

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Seis personagens misteriosos estão encalhados numa ilha devido a uma greve de ferry. Todos têm uma boa razão para querer voltar ao continente o mais rápido possível. Embarcam num barco de pesca comandado por um improvisado coite. Mas o preço a pagar por esta travessia será mais alto do que o esperado... Uma fábula humorística sobre os problemas da nossa sociedade.

Personagens:

Max
Diana
Consuela
Carlos
Sergio
Amanda
Maria

7 atores/atriz

Os papéis de Maximiliano (ou Maximiliana) e Sergio (ou Sergia)
são indiferentemente masculinos ou femininos.
Possíveis distribuições: 3H/4M, 2H/5M, 1H/6M

© La Comédiathèque

Quadro 1

A ponte de um barco de pesca. Ao fundo, um leme. Em algum lugar, uma boia de salvamento com o nome do barco: "O Empreendedor". À frente, duas espreguiçadeiras. Max, com um boné de capitão na cabeça, desdobra um mapa para estudá-lo. Ele olha para ele de cabeça para baixo, coloca-o na posição correta e depois olha ao redor, tentando se orientar. Diana, com uma aparência de mulher de negócios, chega arrastando uma mala de luxo com rodinhas. Após uma leve hesitação, ela se dirige a Max.

Diana – Você verificou a meteorologia marinha esta manhã?

Max dobra rapidamente o mapa.

Max – Sim, e eles prevêm nevoeiro.

Diana – Que senha mais estúpida...

Max – Senhas sempre são um pouco estúpidas.

Diana – A questão é... por que uma senha?

Max – Nestes tempos... Se você soubesse quantas pessoas estariam dispostas a fazer qualquer coisa para sair desta ilha o mais rápido possível. Você tem certeza de que ninguém a seguiu?

Diana – Eu não acredito...

Max – Bem... Mesmo assim, eu pediria que não falasse muito alto. De um convés de um barco, você sabe, as vozes podem ser ouvidas à distância. E não é impossível que estejam nos observando...

Diana – Você não acha que está exagerando um pouco?

Max – É meu dever zelar pela segurança dos passageiros. Você conhece a fórmula. Mestre único a bordo, depois de Deus. E como não acredito muito em Deus...

Diana olha ao redor.

Diana – Então você é o... capitão deste barco?

Max – Sou eu, sim. Mas por favor, me chame de Maximiliano.

Diana – Maximiliano... É curioso, esse nome me soa vagamente familiar.

Max – Ou Max, para os amigos.

Diana (*com frieza*) – Diana de la Torre Molinos.

Max – Diana, muito bem.

Diana – Você falava de um iate... Eu não esperava por isso.

Max – Infelizmente, tive que deixar meu iate em dique seco para revisão técnica. Um amigo me emprestou este. Mas eu lhe asseguro que...

Diana – Parece muito com um barco de pesca, não é?

Max – Meu amigo é pescador, de fato. Bem... pesca de alto mar, é claro. Atum... ou peixe-espada.

Diana – Pelo cheiro, eu diria que é mais pesca de bacalhau...

Max – Deve ser do porto... Quando estivermos em alto mar, verá, só sentirá o ar marinho.

Diana – E tem certeza de que este barquinho é adequado para alto mar?

Max – Estamos a apenas cerca de trinta quilômetros do continente... Não se pode realmente falar de alto mar.

Diana – Bem, e... quanto tempo dura a travessia?

Max – Diria que uma hora.

Diana – Está bem...

Max – Duas, no máximo, se os ventos não estiverem a nosso favor.

Diana – Ventos? Não me diga que é um barco à vela... Já estou pagando bastante pelo combustível.

Max – Não se preocupe, é um barco a motor.

Diana – Posso ver meu camarote?

Max – Seu camarote?

Diana – Ah, entendi...

Max – Há duas camas lá embaixo. Mas aviso que é bastante simples.

Diana – Me diga que pelo menos há banheiros...

Max – Oh sim, claro.

Diana – Bom...

Max – Eu disse que era apenas uma viagem de uma ou duas horas. Não vamos passar a noite. (*Mais baixo*) Bem, espero que não...

Diana – Desculpe?

Max – Não, eu estava apenas dizendo... Se quiser relaxar um pouco no convés enquanto isso.

Diana – Não tenho certeza se posso relaxar tão facilmente. Suponho que não sirvam coquetéis também.

Max – Lamento, o barman tirou o dia de folga. Mas sente-se nesta espreguiçadeira.

Diana – Obrigada, vou ficar de pé. Em quanto tempo vamos zarpar?

Max – Bem... vamos zarpar assim que todos estiverem aqui.

Diana – Todos? O que você quer dizer com todos?

Max – Os outros.

Diana – Ah, porque há outros passageiros?

Max – Com esta greve surpresa da companhia de ferry, muita gente está presa nesta ilha. Todos estão desesperadamente procurando uma maneira de voltar ao continente. A qualquer preço...

Diana – Então você se improvisou como coiote...

Max – Estou apenas tentando ser útil.

Diana – Em troca de dinheiro...

Max – Você não era obrigada a aceitar... Aliás, se não se importa, preferiria ser pago antecipadamente. E em dinheiro...

Ela procura em sua bolsa e entrega algumas notas.

Diana – Aqui está o seu dinheiro... (*Ironicamente*) Capitão...

Max – Obrigado.

Diana – Isso parece uma versão ruim de um filme noir americano.

Max – Sério?

Diana – Ter e não ter, por exemplo. Exceto que você não se parece em nada com Humphrey Bogart.

Max – Nem você com Lauren Bacall... Vou ligar o motor. Se precisar de algo, é só assobiar. Sabe assobiar, Diana?

Ele sai sem esperar pela resposta. O telefone celular de Diana toca e ela atende.

Diana – Sim, senhor Diretor, acabamos de assinar o contrato, estava prestes a ligar para você, na verdade. Sim, mas estou com dificuldades para encontrar um meio de transporte de volta ao continente. Os marinheiros da companhia de ferry pararam de trabalhar. O que podemos fazer? Agora, mesmo em paraísos fiscais, não estamos a salvo de uma greve. Não se preocupe, estarei lá de manhã para a reunião do conselho de administração. Com o contrato assinado, sim, eu prometo... Sei que sua reeleição no conselho depende disso... E os acionistas esperam resultados... Não vou decepcionar você, senhor Diretor...

Amanda chega, vestida de forma sexy, mas bastante vulgar. Ela também carrega uma mala, mas mais comum e usada, coberta de etiquetas que evocam inúmeros destinos de viagem. Diana, completamente absorvida em sua conversa telefônica, não percebe sua chegada.

Diana – Sim, também estou levando todo o dinheiro que estava na conta secreta que você me pediu para liquidar. Em dinheiro, sim, como concordamos... No fundo falso da minha mala, está lá. Sim, é verdade, se pudermos evitar a alfândega... Bem, encontrei um lugar em um tipo de barco de pesca. É bastante pitoresco... Sim, eu vou contar a ele. Tenha um bom dia, senhor Diretor.

Ela guarda seu celular.

Amanda – Olá. Você verificou o tempo esta manhã?

Diana finalmente percebe sua presença.

Diana (*ainda distraída*) – Não, por quê?

Amanda – Desculpe, pensei que...

Diana – Ah sim, claro... desculpe... eles estão prevendo tempestade.

Amanda – Pensei que era nevoeiro, na verdade...

Diana – Sim, bem, nevoeiro, tempestade... quem se importa, não é?

Amanda – Você é a dona?

Diana – A dona?

Amanda – Eu reservei um passeio neste barquinho. Onde está o coitado?

Diana – Acho que ele está aquecendo o motor.

Amanda – Então vou esperar aqui. (*Estende a mão*) Eu sou a Amanda. E você?

Diana (*sem apertar a mão estendida*) – Diana de la Torre Molinos.

Amanda – Sorte a nossa que conseguimos encontrar um passeio, porque se não, teríamos ficado aqui como focas no gelo. Uma greve surpresa, assim, sem aviso prévio. Não deveria ser permitido.

Diana – Ao mesmo tempo, se eles tivessem dado aviso prévio, não seria uma greve surpresa...

Amanda – Você também está com pressa para sair?

Diana – Sim, pode-se dizer isso...

Amanda – Você tem um compromisso urgente? Ou está escondendo algo...? Eu também preferiria evitar a alfândega...

Diana – Você não se sente obrigada a conversar comigo, sabe.

Amanda – Vamos passar três ou quatro horas juntas, vamos conversar um pouco. O tempo passará mais rápido, não é?

Diana – Três ou quatro horas? O capitão me disse que seria uma viagem curta de uma hora!

Amanda – Ele me disse meio dia, eu acho.

Diana – Então é hora de partir. Se quisermos chegar antes da noite. Não sei do que ele está esperando.

Amanda – Eu suponho que esteja esperando os outros passageiros.

Diana – Você sabe exatamente quantos somos?

Amanda – Eu diria que somos cerca de dez, não é?

Diana – Mas isso não é possível! Não vamos caber os dez neste barco!

Amanda – Parece que nunca pegou o autocarro entre as 7 e as 8 da manhã.

Diana – Bem, talvez a surpreenda, mas não. Na verdade, nunca andei de autocarro.

Amanda – Trabalha em casa...

Diana – Não, mas só me desloco de carro com motorista.

Amanda – Já percebi... E o que faz no seu trabalho?

Diana – Trabalho em finanças. Não lhe pergunto sobre o seu...

Amanda – Pode perguntar! Não tenho nada a esconder, sabe...

Max regressa e vê Amanda.

Max – Ah! Deve ser a Amanda.

Amanda – Sim... Como me reconheceu?

Max – Não sei... Intuição masculina, suponho. Digamos que... parece muito com o seu nome.

Diana – Bem... Agora que as apresentações estão feitas, talvez devêssemos levantar âncoras.

Max – Certamente, é só uma forma de falar, mas deve saber que num porto nunca se levantam âncoras. Soltamos amarras...

Diana – Bem, então que as coisas fiquem claras entre nós, Capitão: não vim aqui para tirar a minha licença de navegação. E se tivesse podido, teria apanhado um avião. Quando é que partimos?

Max – Assim que chegarem os últimos passageiros, prometo...

Diana – E quando é que eles chegam? Não tenho o dia todo! Esperam-me em Paris amanhã de manhã.

Max – Ah, eles acabam de chegar agora.

Consuela chega, uma senhora muito elegante, acompanhada por Carlos, um tipo conquistador, que carrega as duas malas dela.

Consuela – É você, o empreendedor?

Max – Não é exatamente a senha, mas acho que vamos esquecer esse detalhe...

Consuela – Fiz uma reserva há pouco tempo. Em nome de Del Rollo.

Max – Muito bem, Sr. e Sra. Del Rollo.

Consuela – É o sobrenome do meu companheiro, não o meu.

Carlos – Não somos casados. Ainda...

Max – De qualquer forma, bem-vindos a bordo!

Consuela – Temos que registar as malas?

Diana – Tenha cuidado, ele pode cobrar excesso de bagagem.

Max – Não estamos na Ryanair... Vamos considerar que são bagagens de mão.

Consuela – Carlos, coloque as malas aqui.

Carlos – Já estou a fazer, meu amor.

Coloca as malas num canto.

Max – Uh... Acho que o Sr. não estava na lista de passageiros... Ainda não recebi a sua contribuição.

Consuela – Bem... Pode contar com ele como bagagem de mão também...

Max – Não sei se...

Carlos – Enfim, querida, eu não sou uma mala.

Consuela – Estou a brincar, Capitão. Pagarei pelos dois. Como sempre...

Diana – Já que estamos completos, podemos ir, não é verdade?

Max – Ainda falta um passageiro. Mas que importa. Acho que ele não virá mais. Era o meu primeiro cliente. Na verdade, aluguei este barco para ele.

Diana – Já... Ele deveria ter chegado a tempo. E se pudéssemos levantar âncora...

Max – Sei que é uma figura de estilo, mas... (*O seu telemóvel toca*) Olá... Sim... Quer dizer... estávamos prestes a partir, na verdade... Em cinco minutos, mesmo? Bem... E lembra-se da senha? Isso... e acho que estão a prever chuva... Está bem, então esperamos por você, mas despacha-se...

Guarda o telemóvel.

Diana – O que acontece agora?

Max – Será o último, prometo. Ele chega já. Não podemos partir sem ele, já me pagou adiantado...

Maria, uma jovem bastante reservada com um crucifixo ao pescoço, e muito grávida, chega sem fôlego.

Maria – Vão para o continente?

Max – Sim... Mas, em princípio, estamos completos...

Maria – Estou grávida, como pode ver.

Diana – Mais razão para não embarcar connosco! Imagina se dás à luz durante a travessia?

Maria – Tinha planeado apanhar o ferry hoje. Estão à minha espera na clínica lá, do outro lado. Não há uma maternidade digna desse nome aqui.

Consuela – Os paraísos fiscais raramente são conhecidos pela qualidade dos seus serviços públicos.

Max – Quer dizer... tenho instruções de segurança.

Maria – Em nome do Senhor! Por favor...

Carlos – Talvez possamos fazer uma pequena exceção às regras. Dado o estado da senhora...

Maria – Tenho dinheiro. Vou pagar.

Max – Nesse caso... não vamos deixar esta pobre mulher dar à luz no porto.

Maria – Obrigada! Deus lhe recompensará... Qual é o seu nome, capitão?

Max – Maximiliano.

Maria – Se nos levar a bom porto, prometo batizar este bebé de Maximiliano. Se for um menino. E Maximiliana, se for uma menina.

Max – Sinto-me muito lisonjeado. Mas lembrem-se também de pagar o preço da viagem.

Maria – Claro. Quanto é?

Max – Quinhentos euros por pessoa.

Maria – Por pessoa?

Amanda – Não vai cobrar pelo bebé que ela traz dentro.

Max – Não, não se preocupem. A viagem é gratuita para ele. Para você, são quinhentos euros.

Maria – Ah, percebo... Não é muito?

Max – É pelo combustível.

Carlos – Não pensei que o combustível fosse tão caro nos paraísos fiscais.

Sergio chega, um belo moreno com um ar de mafioso.

Sergio – Olá, Capitão. Sergio. Fui eu que o chamei.

Max – Sergio, isso mesmo... Só tem essa pequena mala?

Sergio – Sim, tenho o hábito de viajar leve. Mas não sabia que haveria outros passageiros... (*Cumprimentando a companhia*) Senhores e senhoras...

Max – Já que estamos, pensei que seria tolo não os deixar aproveitar a viagem. Com esta greve...

Carlos – Olá, senhor. Mas já nos vimos antes, não é?

Consuela – Cale-se, idiota.

Carlos afasta-se e fica em segundo plano.

Carlos – Devo estar a confundi-lo com outra pessoa...

Sergio – Muitas vezes me confundem com outros. É o drama da minha vida...

Max – Por favor, sentem-se... Desculpe, não tinha cadeiras suficientes para tanta gente.

Sergio (*apontando para María*) – Proponho que reservemos um lugar para esta senhora. Devido ao estado dela...

Diana – Claro... E os outros sentam-se por turnos.

Sergio – Com todo o prazer cederia o meu lugar, se a senhora quiser, minha querida.

Diana – Obrigada... Pelo menos há um cavalheiro a bordo deste barco.

Max – Também há duas camas lá embaixo... mas aviso que cheira a marisco.

Sergio – Já que estamos todos aqui, podemos partir.

Max – Muito bem. Então, permitam-me que me desculpe. Vou voltar ao meu posto de comando.

Maria (*fazendo o sinal da cruz*) – Que Deus nos proteja!

Max coloca-se atrás do leme e parece hesitar um pouco sobre qual caminho seguir.

Max – Avante, a toda a velocidade!

Sergio – Mas discretamente, se possível. Lembrem-se de que normalmente, antes de deixar esta ilha tão acolhedora para regressar ao continente, supostamente devemos passar pela alfândega...

Carlos – Acolhedora para os grandes patrimónios, pelo menos...

Consuela – E até para os grandes matrimónios...

Diana – Só faltava sermos detidos pelos guardas-costeiros ao chegarmos a França. Pessoalmente, não tenho nada a esconder, mas enfim...

Consuela – Claro... Aqui, ninguém tem nada a esconder, certo?

Max – Não se preocupem, vamos sair em segredo. (*Ativa uma alavanca, mas parece bastante surpreendido com o resultado, que é o som de uma sirene de barco.*) Peço desculpa, isso não era de todo o que eu queria fazer...

Carlos – Para uma saída discreta, é um sucesso...

Maria – Está sozinho no comando deste barco, Capitão?

Max – É um barco pequeno, sabem, um piloto é suficiente.

Maria – Normalmente, há um segundo.

Amanda – Pelo menos nos aviões é assim. Se o piloto tiver um ataque, o segundo assume o controlo.

Max – Mas não estamos num avião. O que nos pode acontecer?

Amanda – Isso é o que os passageiros do Titanic também diziam...

Max – E olha, dá para ver a costa daqui!

Os outros olham para o mar.

Carlos – Não vejo nada...

Consuela – Eu também não...

Sergio – Temos que admitir que estão previstas neblinas.

Diana – Desde que não seja uma tempestade...

Sergio (*mais baixo*) – Ou um tsunami...

Diana – Tem alguma informação especial sobre isso?

Sergio – Não, não, nada de especial...

Max puxa outra alavanca e desta vez ouve-se o rugido do motor.

Max – Vamos lá! Desta vez é a boa!

Apagão.

Quadro 2

Max permanece ao leme. Sergio não largou a sua maleta. Diana e Amanda estão a cochilar nas espreguiçadeiras. Carlos, Consuela e María, sentados nas suas malas, aguardam com paciência.

Consuela (*para Carlos*) – Não devia estar sentado naquela mala, está a estragá-la...

Carlos – Mas, Consuela...

Consuela – Conseguiria parar de discutir tudo o que eu digo? É irritante!

Carlos – Desculpe... (*Contém-se e levanta-se.*) De qualquer forma, o clima está magnífico.

Consuela – Sim... Vamos ficar bronzeados. (*Para María*) Isso far-se-á bem, minha querida, porque está um pouco pálida... Como se sente?

María – Há quanto tempo estamos aqui fora?

Carlos – Um pouco mais de duas horas, não é?

Consuela – E ainda não vemos a costa...

Carlos – Mas olha ali!

Consuela – Ah, sim, talvez...

María – Estou a começar a enjoar.

Consuela – Quando se está grávida, não é recomendável andar de barco.

Carlos – Coitada... Nem sempre fazemos o que queremos. (*Tentando ser simpático*) E sabe quem é o pai?

María lança-lhe um olhar ofendido.

Consuela – Mas, Carlos, essas não são perguntas que se façam a uma mulher honesta...

Carlos – Desculpa, exprimi-me mal. Queria dizer... O papá vai ficar contente! É um menino ou uma menina?

Consuela – Vá lá, Carlos, o papá é sempre um menino! Mesmo com o casamento igualitário, isso não muda. Sempre se precisa de uma sementinha...

Carlos – Falava do bebé, claro. É um menino ou uma menina? É o que se pergunta normalmente nestes casos, não é?

Consuela – Um menino ou uma menina... Claro... Estava a brincar, obviamente. Meu pobre Carlos... E então? É um menino ou uma menina?

María – Não sei... Prefiro ter a surpresa.

Consuela – Tem razão. Eu também não quis saber. Na minha época, não havia escolha. Aceitava-se o que viesse, e pronto.

Maria – As crianças são um presente de Deus.

Consuela – Sim... Ele me deu sete. Todas meninas. (*Baixando a voz, como se fosse para si mesma*) Se eu pudesse ter afogado uma ou duas delas... Mas no final, foi meu marido quem morreu. Afogado, precisamente. Se não, eu não sei quantas mais meninas Deus teria me dado de presente... Acredite, querida, naquela época, o melhor método anticoncepcional ainda era a viuvez...

Carlos – Sim... Era outro tempo... Ainda não havia internet. A televisão era em preto e branco, mas o mundo já estava em cores.

Consuela – Em que mundo vivemos... Em breve será possível escolher o sexo do seu filho, a cor do cabelo, o coeficiente de inteligência... Acham isso normal? (*Para Maria*) E você, o que acha disso?

Maria – Me dá vontade de vomitar.

Consuela – Acreditem, se na nossa época pudéssemos escolher os nossos filhos, hoje em dia todo mundo estaria cheio de loiros altos com o QI de Einstein.

Carlos – Como os nazistas desejavam.

Consuela – Sim... E provavelmente você não estaria aqui para falar sobre isso, meu pobre Carlos.

Carlos – Felizmente, nós ganhamos a guerra.

Consuela – Você ganhou a guerra? Meu pobre amigo... Nem mesmo sabe como matar um mosquito num quarto, e quer libertar a Europa dos nazistas?

Carlos – E você, senhor?

Sergio – Sergio, é o meu nome.

Carlos – Prazer. Eu sou o Carlos. E você, o que faz da vida, Sergio?

Consuela – Não seja tão indiscreto, Carlos...

Diana e Amanda acordam de sua sonolência.

Diana – Desculpem, acabei adormecendo um pouco.

Amanda – Acho que até roncaste no início...

Diana – Ainda não chegamos?

Amanda – Não... Está demorando muito, não está?

Diana – Capitão! Ainda estamos longe?

Max – Não se preocupem, estamos nos aproximando, pelo menos.

Amanda – Ainda assim, não vejo a costa...

Diana (*olhando para o relógio*) – Isso não é verdade! Já faz duas horas desde que partimos e ainda não vemos a costa!

Max – É um barco pequeno, vocês sabem, e estamos carregados...

Diana – De quem é a culpa? Você fez overbooking para encher os bolsos!

Max – Só queria ajudar...

Consuela – É... Aproveitando a miséria do mundo...

Max – A miséria do mundo... Talvez não devêssemos exagerar tanto.

Consuela – Sempre somos pobres para alguém, não é, Carlos?

Sergio – Tem certeza de que é por aqui, pelo menos?

Max – O quê?

Sergio – O continente! Tem certeza de que é por aqui?

Max – Certeza? Claro! O que você está pensando? Eu tenho a minha bússola!

Sergio – Depois de tanto tempo navegando, já deveríamos ver a costa, não?

Max – Sim... Eu não percebo bem... (*Mais baixo*) É a primeira vez que faço isto...

Diana – O quê?

Max – Não, quero dizer... É a primeira vez que faço esta viagem com este barco! Normalmente, é com o meu iate. O motor é muito mais potente...

Consuela – Parece que o tempo está ficando ruim, não?

Carlos – Sim, está mudando para tempestade.

Max – É só um pouco de neblina, não se preocupem.

Amanda – Você checkou a previsão do tempo marítimo esta manhã?

Max – Sim, e eles anunciaram neblina...

Amanda – Não estou lhe perguntando pela senha! Você realmente verificou a previsão do tempo marítimo?

Max – Ah, ehm... Não... Para quê?

Maria – Estou me sentindo enjoada...

Amanda – Você poderia ter verificado a previsão do tempo de qualquer maneira!

Max – Quem sabe! Todo mundo estava com pressa de ir embora e agora teríamos que verificar a previsão do tempo.

Sergio – Deixe-me ver essa bússola.

Max – Que confiança! Sei como ler uma bússola.

Sergio pega a bússola que Max lhe entrega.

Sergio – Onde está a costa?

Max – Para leste. Bem... para nordeste.

Sergio – Este ou nordeste?

Max – Vamos dizer nordeste. Mas a costa é grande, sabem. Não a vamos perder.

Sergio – A menos que tenhamos partido na direção errada...

Sergio move um pouco a bússola, apontando-a em direções diferentes.

Sergio – Numa bússola, supostamente a agulha indica sempre a mesma direção, certo? Mesmo quando a giras noutra direção.

Max – Claro.

Sergio – Então, por que nesta bússola a agulha gira com a bússola?

Diana – Isto é uma piada! É para um programa de câmara escondida, certo?

Max – Deixa-me ver... (*Pega na bússola e gira-a em todas as direções.*) Caramba, tem razão. Parece que a agulha está presa.

Sergio – Então, não sabemos para onde estamos indo...

Max – Mesmo antes de partirmos, caiu-me das mãos e bateu no chão. Deve estar partida...

Diana – Por favor, diga-me que isto não é verdade!

Carlos – Poderíamos ter navegado pelo sol, mas com esta neblina não conseguimos ver...

Maria – Acho que vou vomitar.

Amanda – É melhor ir para trás, porque com o vento... vai cair tudo em cima de nós.

Sergio – É verdade que o vento está a ficar cada vez mais forte.

María sai apressadamente.

Diana – Ele está louco!

Max – Desculpem... Realmente pensei que estávamos a ir na direção certa. Mas é verdade que... também estava a começar a perguntar-me por que ainda não víamos a costa.

Sergio – Tem a sua licença?

Max – Sim, claro! Como todos...

Sergio – Estou a falar da licença de navegação.

Max – Bem, a verdade... normalmente, estou habituado a navegar no meu iate.

Sergio – E...?

Max – No meu iate, normalmente não sou eu que o comando. Tenho uma tripulação para isso...

Sergio – Então, não tem licença e não sabe nada sobre navegação marítima.

Max – Não pensei que fosse tão complicado. Com bom tempo, quase se conseguem ver as costas francesas a partir deste paraíso fiscal...

Consuela – Meu Deus... Estamos perdidos... Vamos todos morrer...

Max – Não dramatizemos.

María regressa.

Maria – Ah, está a melhorar...

Carlos – A sério?

Maria – O que se passa? Vocês têm uma cara!

Diana – O capitão não tem licença de navegação e estamos perdidos no mar, é isso que se passa.

Carlos – Ah, desta vez acho que realmente vejo algo no horizonte.

Maria – Estamos salvos!

Consuela – Tem a certeza?

Amanda – Sim, mas é estranho, parece que a costa se está a aproximar de nós a uma velocidade fenomenal...

Todos olham para o fundo da sala, que representa a linha do horizonte.

Sergio – Não é a costa... É uma enorme onda!

Max – Não... Nunca vi nada assim...

Diana – A onda está a dirigir-se diretamente para nós.

Maria – Se souberem alguma oração, é hora de rezá-la...

Apagão.

Quadro 3

Estão todos lá, apertados uns contra os outros, petrificados.

Carlos – Quase pensei que todos íamos morrer.

Max – Sim, quase nos engoliu.

Consuela – Mas a onda passou por baixo do barco sem o fazer virar.

Maria – É um milagre! Graças a Deus!

Diana – Tive tanto medo... (*Mais baixo*) Acho que até tive um orgasmo...

Maria – Quanto a mim, nem sequer me dói o estômago.

Consuela – Felizmente, não havia mais ondas atrás.

Sergio – E agora o mar está calmo novamente.

Carlos – Então, talvez ainda tenhamos uma chance de sair desta...

Começam a relaxar um pouco e a afastar-se.

Maria – Temos de manter a esperança.

Amanda – Se tomarmos a direção errada, é só voltar atrás, não é?

Sergio – Dar meia-volta no mar não é exatamente a mesma coisa que numa autoestrada, sabe?

Maria – O céu está a abrir-se. Há até um arco-íris... É um sinal de Deus!

Sergio – De qualquer forma, agora que vemos o sol, podemos tentar orientar-nos. Se o sol se puser a oeste, só precisamos ir na direção oposta.

Diana – Então, o que está à espera, idiota!?

Max – Infelizmente, não é tão simples...

Diana – E porquê não? Não me diga que o leme também está com defeito?

Max – Não, mas quase não temos gasolina...

Diana – O quê? Mas roubou-nos a todos antes de partir para encher o depósito!

Max – Já percorremos um bom caminho... e só enchi o depósito até meio.

Sergio – A meio?

Max – Pensei que seria suficiente para uma viagem de duas horas...

Diana – Está a brincar?

Max – Temo que não, infelizmente.

Consuela – Aqui estamos, todos a bordo de um barco que está a afundar, pilotado por um marinheiro de água doce, e em breve ficaremos sem gasolina.

Sergio – Ouvi bem... um barco que está a afundar?

Consuela – Há pouco desci ao porão à procura de uma casa de banho que nunca encontrei, aliás. E pareceu-me que havia uma grande poça na parte de trás.

Amanda – Capitão...?

Max – É apenas uma pequena fuga. Nada de grave.

Carlos – E o que planeias fazer, chamar um canalizador?

Diana – O que precisamos fazer é chamar os serviços de emergência.

Max – Talvez não devêssemos entrar em pânico já.

Amanda – Porque é que não acha que a nossa situação merece um pouco de pânico?

Diana marca um número no seu telemóvel. Sergio sai.

Diana – Não há rede...

Amanda – Claro que não há rede! Estamos perdidos no meio do mar!

Max – Perdidos... Não exageremos.

Diana – Vou matá-lo.

Amanda – Suponho que também não têm rádio a bordo, certo?

Max – Não vi nada que se parecesse com isso, infelizmente.

Carlos – Tem a certeza que este barco é seu?

Max – Digamos que... emprestei-o de um amigo, a quem não tive tempo de avisar.

Diana – E ainda por cima é um barco roubado!

Sergio volta.

Sergio – Na verdade, há uma entrada de água na parte de trás. Se não começarmos a tirar água imediatamente, dentro de uma hora o barco afundar-se-á.

Maria – Não pode ser... Diga-me que é um pesadelo e que vou acordar...

Sergio – Vamos estabelecer um turno para tirar a água. Mas, entretanto, seria melhor descarregar o barco de qualquer carga desnecessária.

Todos olham desconfiados uns para os outros.

Max – Podemos começar com as malas...

Consuela – As malas?

Amanda – Está a brincar!

Sergio – Não há outra maneira.

Consuela – Pelo menos não a minha...

Diana (*para Max*) – E se começássemos por atirá-lo borda fora, Capitão?

Todos os olhos, ameaçadores, se voltam para Maximiliano.

Apagão.

Quadro 4

Estão todos aqui, exceto Max e Sergio. Parecem sobrecarregados.

Consuela – E pensar que, em vez de morrermos de sede nesta sucata, eu poderia estar deitada na banheira de hidromassagem do meu hotel cinco estrelas na ilha paradisíaca que acabamos de deixar, tomando um cocktail exótico.

Carlos – É verdade... No final, não tínhamos tanta pressa para partir. Não havia nada tão urgente para fazer.

Consuela – Fala por você! Você nunca tem nada para fazer! Eu tinha um compromisso esta manhã com o meu cirurgião em Paris...

Carlos – Bem, é só uma pequena lipoaspiração. Não uma cirurgia de coração aberto...

Consuela – Uma pequena lipoaspiração? Já fez uma lipoaspiração?

Carlos – Não, pelo menos não esse tipo de lipoaspiração...

Consuela – Falamos sobre isso quando souber o que é, então!

Carlos – Desculpe...

Consuela – Meu pobre amigo... Às vezes, eu me pergunto o que estamos fazendo juntos...

Carlos (baixinho) – Sim, eu também...

Consuela – E ainda por cima responde...

Diana – Mas feche a boca já!

Consuela – Ei, quem ela pensa que é?

Diana – Se fosse eu, Carlos, já a teria atirado borda fora.

Amanda – Pelo menos perderíamos peso.

Diana – Mas claro, é demasiado mole para isso, coitadinho.

Carlos – Gostaria que todos deixassem de me chamar de "coitadinho" ou "pobre Carlos". É irritante.

Diana – Desculpe... Mas suponho que se tivesse dinheiro, não teria de aturar essa bruxa.

Amanda – No final, fazemos o mesmo trabalho, você e eu. Certo, Carlos? O trabalho mais antigo do mundo. Mas eu faço trabalho temporário e você tem um contrato fixo...

Consuela – Por enquanto, está em período de teste...

Carlos (para Amanda) – De qualquer forma, deixa de me chamar de "coitadinho". Eu não a chamo de "gordinha", pois não?

Amanda – Mas este anãozinho é que vai acabar na água!

Amanda se aproxima ameaçadora de Carlos. Consuela se interpõe. Carlos se refugia covardemente atrás dela.

Consuela – Mãos quietas! Se alguém tem de atirar este anão borda fora, sou eu.

Max retorna com Sergio, encerrando este confronto.

Sergio – O motor acabou de parar. Ficamos sem combustível.

Maria – Jesus, Maria, José... Todos vamos morrer...

Max – Lamento muito... Pensei que meio tanque fosse suficiente.

Diana – E o que planeava fazer com o resto do dinheiro? Pagámos quinhentos euros cada um! Não tinha dinheiro suficiente para encher o tanque completamente?

Max – É uma longa história...

Sergio – E talvez não seja o momento certo para contá-la.

Diana – O senhor tem razão. Seria melhor concentrarmo-nos em tentar encontrar uma solução, não acham?

Amanda – Uma solução? Sério?

Diana – Podemos fingir que estamos num jogo! Um jogo de escape!

Amanda – O que é isso?

Maria – É um daqueles jogos de grupo que se fazem em seminários empresariais para unir os funcionários.

Diana – Sim... Encontrar juntos uma forma de escapar de um lugar onde estamos trancados.

Consuela – Bem... Se tem uma ideia para nos tirar daqui, senhora que sabe tudo, não hesite em dizer-nos...

Diana – Não sei... Os telefones não funcionam... E se lançássemos uma garrafa ao mar? Com uma mensagem dentro.

Carlos – Bravo...

Sergio – E o que escreveríamos nessa mensagem para ajudar os serviços de resgate a encontrar-nos?

Diana – Foi apenas uma ideia...

Amanda – Uma ideia estúpida, sim.

Diana – Talvez, mas quando se faz um brainstorming, não se censura. Às vezes, depois de dizer vinte asneiras, encontra-se a ideia certa.

Amanda – Nesse caso, acho que já esgotou a sua quota há muito tempo. É a altura certa para nos dar uma ideia brilhante.

Sergio – Baixe um pouco à terra, Diana. Não estamos num seminário empresarial. Estamos num barco prestes a afundar!

Amanda – Se perdermos esta vida, não teremos outras. Será jogo terminado e ponto final.

Maria – E se tentássemos uma oração em grupo? Talvez Deus nos ajude...

Consternação geral.

Consuela – Isso, e que tal uma procissão?

Carlos – Ou um sacrifício humano...

Max – Está bem, dissemos que tínhamos direito a vinte asneiras...

Sergio – A menos que Deus consiga transformar água em gasolina...

Max – Sim... Então só teríamos de ir à adega. Porque já nos chega aos joelhos... Já agora, alguém deveria voltar a tirar água...

Sem reação.

Carlos – Já deveríamos estar içando uma bandeira de socorro. No caso de um helicóptero da polícia sobrevoar a área, para que saiba que estamos em perigo.

Maria – Sim, podemos fazer isso...

Silêncio desconfortável.

Consuela – Por outro lado, nem todos estamos numa situação muito regular...

Diana – Calma, não somos imigrantes ilegais.

Consuela – Mesmo assim, se a polícia nos pedisse para abrir as nossas malas...

Amanda – Eu não tenho nada a esconder.

Consuela – Ah sim? Então abre a sua mala e mostre-nos o que está lá dentro.

Amanda – Não tenho de receber ordens de você.

Max – Quando saímos de um paraíso fiscal num barco de pesca, não necessariamente trazemos peixe na bagagem, isso está claro.

Amanda – E agora? Preferem que todos morramos afogados?

Momento de hesitação.

Sergio – Está bem. Eu ocupo-me da bandeira.

Sai.

Maria – Começamos a ter muita sede.

Carlos – Morrer de sede quando estamos rodeados de água. Que situação mais absurda!

Diana – Isso é tudo o que lhe parece absurdo nesta situação?

Consuela – Nada lhe foi perguntado a você.

Max – Calma, tenho algumas garrafas na adega.

Carlos – Definitivamente, pensou em quase tudo, Capitão...

Diana – Quantas garrafas?

Max – Duas.

Consuela – Grandes?

Max – Trinta e três centilitros.

Carlos – Ah, sim, agora estamos mais tranquilos...

Diana – A quinhentos euros o bilhete, pelo menos poderias ter previsto algumas bebidas...

Amanda – Duas garrafas de trinta e três centilitros são sessenta e seis centilitros.

Consuela – Bravo, pelo menos sabe contar...

Amanda – Somos sete. Nem chega a dez centilitros por pessoa.

Maria – Vamos ter de estabelecer um sistema de racionamento. Acho que as mulheres grávidas devem ter prioridade.

Diana – Ah, sim? E porquê isso?

Carlos – E, já agora, que ideia, uma mulher grávida vir de férias para esta república das bananas. O que estava a fazer aqui, na verdade?

Maria – Eu faço perguntas? E você, estava em lua de mel? Numa ilha tão grande como três campos de futebol, mas com cinco bancos por metro quadrado...

Silêncio.

Max – Aliás, sabiam que o ponto mais alto do microestado que acabámos de deixar está a três metros de altitude?

Amanda – Não, e não nos importa.

Consuela – Não viemos a este paraíso fiscal para esquiar. Viemos para esconder o nosso dinheiro.

Diana – Na Suíça, pode fazer as duas coisas.

Sergio volta.

Sergio – Já hasteie a bandeira de socorro. Mas se não quisermos afundar antes da eventual chegada do resgate, realmente precisamos que alguém volte a bombear água.

Max – Dissemos que as mulheres grávidas estão isentas, então cabe-lhe a você, Consuela.

Consuela – Carlos irá no meu lugar.

Carlos – E porquê isso?

Consuela – Porque eu o sustento, idiota! É por isso!

Carlos – Vou... Por cavalheirismo... Mas também não gosto de que me chamem de idiota.

Carlos sai, relutantemente.

Max – Se alguma vez sairmos disto, prometo-vos que reembolsarei metade do preço da viagem.

Diana – E ainda por cima goza connosco! Se sairmos disto, maldito, terá de lidar com o meu advogado.

Max – Está certa?

Diana – O que você quer insinuar?

Max – Todos temos uma boa razão para estar aqui neste barco. E para querer voltar ao continente sem passar pela alfândega. Todos, até você...

Diana – Isso não lhe diz respeito... Queríamos voltar ao continente o mais rápido possível, é só isso. Os ferries estão em greve, subimos para o primeiro barco que partiu...

Maria – Quando está no Titanic, deve escolher bem o seu bote salva-vidas... Infelizmente, sinto que não tomámos a decisão certa...

Max – Estamos todos no mesmo barco, é verdade. Mas não pelas mesmas razões. E ficaria curioso em saber qual destas malas contém mais dinheiro... Não é a minha, com certeza...

Diana – Mesmo que não tenha nada comprometedor nas suas malas, Capitão, lembro-lhe que é um crime ser um contrabandista.

Maria – Especialmente quando nem sequer tem a sua licença de navegação.

Carlos – É verdade que se formos resgatados pela guarda costeira, poderemos ter problemas...

Consuela – De qualquer forma, espero que não sejamos resgatados por piratas.

Sergio – Embora... com eles, sempre poderíamos chegar a um acordo.

Consuela – Pelo menos não acabaríamos na prisão.

Maria – Se é para acabar no fundo do mar, devorados por tubarões...

Silêncio desconfortável.

Consuela – Então, o que fazemos? Além de bombear água...

Sergio – O que quer que façamos? Não temos mais combustível. Só podemos deixar-nos levar, esperando que as correntes ou os ventos nos levem de volta à costa.

Maria – É tudo o que sugere?

Sergio – Ei, eu não sou o capitão deste barco, está bem? Pergunta ao idiota que nos trouxe aqui, alto-mar, à beira do naufrágio.

Todos os olhos se viram para Max, que julga mais sensato manter um perfil baixo.

Consuela – Começo a ter fome.

Max – Desculpa, não previ refeições a bordo. A travessia deveria ter durado apenas algumas horas. Há apenas um saco de biscoitos aberto na adega.

Consuela – Acho que pessoas com excesso de peso deveriam ter prioridade. Afinal, precisam de comer mais do que os outros.

Maria – A menos que precisem de perder peso. E, já agora, sou mais gorda do que vocês, lembro-vos!

Consuela – Quando terminarmos os biscoitos, talvez tenhamos de comer uns aos outros. Como na Jangada da Medusa.

Maria – Isso mesmo. Vamos tirar à sorte para saber quem será comido primeiro. Como na canção.

Max – Que canção?

Maria – Uma canção francesa. Uma canção para crianças. (*Canta em francês*) Il était un petit navire, il était un petit navire...

Consuela olha para a barriga proeminente de Maria.

Consuela – Nesta canção, é o mais jovem que acabam por comer...

Maria – Então esperemos que eu não dê à luz neste barco.

Um silêncio desconfortável.

Sergio – Ainda assim, Max, há algo que não entendo.

Max – Ah, sim...

Sergio – Agora sou eu quem vos faz uma pergunta.

Max – Diga-me.

Sergio – Há outras formas mais eficazes de ganhar dinheiro do que pilotar um barco de pesca sem ter uma licença de navegação.

Diana – Especialmente quando o senhor já é muito rico...

Sergio – Porque se improvisou como contrabandista se não sabia como lidar com uma barcaça?

Max – Disse-vos que era uma longa história.

Sergio – A este ponto, não temos mais nada a fazer senão ouvi-la.

Max – Como sabem, a companhia de ferries que normalmente liga esta ilha ao continente está em greve...

Consuela – Sim, isso notámos, senão... o que faríamos neste apuro?

Max – Os funcionários pararam de trabalhar quando souberam da venda da empresa a um grupo financeiro que anunciou grandes reduções de pessoal.

Diana – E o que tem isso a ver consigo?

Max – Eu sou o dono dessa empresa de ferries. Bem, era...

Diana – Então é você?

Consuela – Você conhece-o?

Diana – Digamos que... ouvi falar dessa venda.

Sergio – E por que vendeu essa empresa?

Max – Fiz más apostas. Seguidas de más práticas para tentar recuperar-me. Estou falido. O banco aproveitou-se para comprar-me a empresa a um preço ridículo.

Sergio – E aceitou?

Max – Isso ou ir diretamente para a prisão.

Maria – Isso não nos diz como veio a roubar um barco de pesca.

Max – Os marinheiros em greve tinham-me feito refém no meu escritório. Escapei por pouco de ser linchado. Consegui sair, mas achei mais sensato abandonar a ilha o mais rápido possível. Tomei emprestado um barco de pesca que estava em terra.

Sergio – Certamente para reparar esse vazamento...

Max – Nem sequer tinha combustível suficiente para encher o tanque. E depois precisava de algum dinheiro vivo. Para sobreviver ao chegar ao continente, enquanto a sorte muda.

Diana – Já percebi...

Max – Deixei que a minha assistente assinasse o contrato de venda com a negociadora do banco. A propósito, também estiveram prestes a linchá-la.

Diana – Eu sei...

Max – Como sabe disso?

Diana – Fui eu quem assinou o contrato em nome do banco.

Max – É a negociadora da Continental Finanças? A que chamam de tubarão?

Diana – A mesma.

Max – É irónico... Então, de certa forma, salvei-lhe a vida.

Diana – Não exagere... Lembra-se de que estamos perdidos no mar, sem combustível e à beira do naufrágio.

Max – Sim... e não sei o que me impede de o lançar borda fora. Graças aos seus maus conselhos, perdi o meu investimento! E depois compra a minha empresa por uma miséria!

Diana – Estou a seguir ordens da minha administração. Os tempos estão difíceis para todos. É a crise...

Maria – É curioso, o mundo está em crise desde que Deus o criou... E no entanto, os ricos ficam cada vez mais ricos.

Max (*para Diana*) – Prefiro ir bombear água... antes de ceder aos impulsos de assassinio que posso vir a lamentar.

Silêncio desconfortável.

Consuela – Diga-me, o "tubarão"... O senhor falava dos seus maus conselhos que o arruinaram... Espero que me tenha dado melhores. Também confiei a gestão de todos os meus investimentos à Continental Finanças.

Diana – Não se preocupe... Se somos líderes mundiais na gestão de património, não é por acaso.

Sergio – A menos que o seu banco tenha construído a sua fortuna arruinando os seus clientes mais ingénuos.

Consuela parece cada vez mais preocupada. Carlos regressa.

Max – Já terminou de bombear água? Não há mais água na cave?

Carlos – Já não vale a pena bombear água. A entrada de água é demasiado grande...

Maria – Então é o fim. Só nos resta rezar...

Carlos – Faz alguma coisa, Consuela!

Consuela – O que quer que faça, idiota? Os únicos problemas que sei resolver são aqueles que se resolvem com um cheque em branco.

Sergio – Infelizmente, desta vez duvido que possamos sair disto assim.

Momento de depressão geral.

Consuela (*para Carlos*) – E deixa de roer as unhas, está a incomodar-me.

Carlos – Deixe-me em paz! Roerei as unhas se quiser...

Amanda – Uau... Não lhe falava assim antes, pois não?

Carlos – Antes, sonhava casar-me com uma multimilionária. Mas de que me serve casar com uma multimilionária que vai morrer? Especialmente se eu também vou morrer.

Maria retorce-se um pouco.

Maria – Isto é uma tortura...

Sergio – Não vai dar à luz agora, certo? Era o que faltava...

Maria – Não, não se preocupem. Não há nenhum risco...

Max regressa.

Max – Não consegui ligar à rede, mas consegui ouvir a previsão do tempo marítimo numa rádio antiga que encontrei na cave.

Diana – E o que diz? A névoa ainda está lá?

Max – Não, mas dizem que um tsunami acaba de atingir o paraíso fiscal que acabámos de deixar.

Maria – Um tsunami?

Max – Com amplitude suficiente para submergir completamente a ilha, dada a sua baixa altitude.

Maria – Meu Deus! É a enorme onda que quase nos engoliu há pouco.

Max – Ninguém pôde ser avisado a tempo. Não há sobreviventes...

Amanda – Mas é horrível!

Maria – Provavelmente é um castigo divino. Jesus também expulsou os mercadores do templo. E Deus destruiu Sodoma e Gomorra...

Max – De qualquer forma, para nós é um milagre... Se não tivéssemos deixado a ilha precipitadamente, todos teríamos morrido afogados.

Sergio – Sim, que feliz coincidência...

Consuela (*para Max*) – Resumindo, ao embarcar neste naufrágio, salvou-nos a vida...

Max – É um facto.

Diana – Vamos chamá-lo Noé.

Amanda – Sim... Levou na sua arca um exemplar do pior da humanidade para garantir que a espécie sobrevivesse a este dilúvio.

Carlos – Escapámos ao dilúvio, mas infelizmente, a nossa arca está a afundar-se por trás.

Maria – Esperemos que as equipas de resgate que chegarem ao local da catástrofe nos possam ver e ajudar.

Consuela – Com sorte, dadas as circunstâncias, eles não vão pensar em verificar as nossas malas...

Carlos – Seja como for... A cada um, o seu fado.

Consuela – Tem outras expressões estúpidas como essa?

Carlos – A desgraça de uns é a felicidade de outros, se preferir.

Consuela – Preferia que se calasse.

Amanda – Vão começar de novo?

Consuela – E você, o que está a fazer aqui? Não parece ser alguém que veio esconder as suas poupanças num paraíso fiscal.

Amanda – Não confie demasiado nas aparências. Veja, por exemplo, a senhora. É a prova viva de que a fortuna e a classe nem sempre andam de mãos dadas...

Consuela – Não me tira da cabeça que você não pertence aqui. Quem é você realmente e o que esconde nessa mala ridícula?

Amanda – Não ouse tocá-la.

Consuela – Não temos segredos um para o outro. Por que não nos mostra o que há naquela mala?

Sergio – Vá em frente, abra-a. Estamos num ponto sem retorno...

Amanda – Nem pensar.

Consuela – Vamos, Carlos, abre a mala.

Carlos – Não sei se...

Consuela – Estou a dizer-lhe para a abrir, idiota!

Carlos – Está bem...

Avança sem convicção em direção a Amanda.

Amanda – Esqueça... Vou abri-la eu mesma.

Amanda abre a sua mala e retira uma pistola que aponta para Carlos.

Amanda – Não aconselho que se aproximem!

Sergio – É para defender a sua virtude que anda com tal arsenal?

Amanda – Eu admito... Não sou quem pensam que sou...

Carlos – Então, quem é você e o que está fazendo?

Consuela – Tráfico de armas? Terrorismo?

Amanda – Sou polícia. Da Brigada Financeira. Estava infiltrada aqui, a vigiar os vossos pequenos negócios de todos os tipos para vos apanhar em flagrante.

Max – E agora, o que vai fazer? Colocar-nos todos na cave?

Amanda baixa a sua arma.

Amanda – Têm razão. Agora é inútil. Todos nós vamos morrer, por isso, para que continuar a brincar de polícia e ladrão?

Apagão.

Quadro 5

Todos estão lá. Suas roupas estão desarrumadas. Eles têm a pele bronzeada, até mesmo queimaduras solares.

Consuela – Estou realmente começando a ficar com fome.

Maria – Poderíamos pescar... Afinal, estamos em um barco de pesca.

Sergio – Não vejo nenhuma rede.

Carlos – Alguém sabe pescar?

Max – Sim, pesco em alto-mar. No meu iate. E com pessoal. Mas aqui...

Consuela – Você acha que vamos chegar ao canibalismo?

Carlos – Em caso de extrema necessidade, não é um crime.

Sergio – É sim se tivermos que matar a pessoa antes de comê-la...

Consuela – Bem, então esperamos até que o primeiro de nós morra de causas naturais.

Diana chega muito animada.

Diana – Pesquei um peixe!

Max – Como você fez isso?

Diana – Com uma rede.

Max – Onde você encontrou uma rede?

Diana – Eu fiz uma com um cabo de vassoura e... minha roupa íntima.

Sergio – E conseguiu pegar um peixe assim?

Diana – Sim... Ele não estava se mexendo. Estava de barriga para cima. Deve ter estado dormindo.

Amanda – Os peixes dormem?

Diana – Um cochilo rápido, talvez.

Sergio – Ou talvez estivesse morto.

Diana – É verdade que quando o tirei da água... ele tinha um cheiro estranho.

Carlos – Tem certeza de que era o peixe?

Consuela – Enfim, Carlos...

Carlos – Desculpa, deve ser o sol. Estou à beira da insolação.

Sergio – E o que você fez com ele?

Diana – Eu o comi!

Silêncio consternado.

Maria – Acho que desta vez chegamos ao fundo.

Carlos – É uma frase que ganha um significado especial quando é dita em um barco prestes a afundar.

Consuela – Agora você começa a fazer frases... Você está certo, deve ser o sol...

Um momento.

Sergio (*para Consuela e Carlos*) – E vocês, o que vieram fazer nesta ilha?

Carlos – Estávamos em lua de mel. Fazendo reconhecimento. Primeiro pensamos nas Bahamas, mas agora é tão clichê...

Consuela – Deixe pra lá, meu pobre amigo. Neste ponto, posso contar a verdade.

Carlos – Pensei que já fosse a verdade...

Consuela – Faço esta viagem a este paraíso fiscal duas vezes por ano para proteger minhas economias.

Sergio – Não me diga que suas malas estão vazias...

Consuela – Levo dinheiro em espécie e volto com bônus ao portador...

Diana – Sério...? E quem a aconselhou a comprar isso?

Carlos – Continental Finanzas, por quê?

Diana – Digamos que... agora que esta república das bananas foi destruída por esse tsunami, seus bônus ao portador não valem nada.

Consuela – Você tem certeza?

Diana – Não ouviu? Neste momento, essa ilha já não existe. Foi apagada do mapa.

Carlos – O quê? Mas então, Consuela, você está arruinada...

Diana – A companhia de ferry que acabamos de comprar também não vale muito... mas pelo menos resolve o problema da greve. E depois, nunca se sabe, é preciso manter a esperança. Mesmo que todos os marinheiros tenham morrido afogados, os barcos talvez ainda estejam flutuando.

Maria – É verdade, é uma tragédia terrível... Pelo menos nós ainda estamos vivos... Por enquanto.

Max – Bem, Consuela, é a sua vez.

Consuela – Minha vez?

Max – De tirar a água!

Consuela – Carlos, a vez é sua.

Carlos – Não, estou farto. Não sou seu criado.

Consuela – Você realmente pensa o que diz?

Carlos – Tenho sido o seu saco de pancada durante anos, na esperança de um casamento que me faria seu herdeiro. Mas está arruinada, e todos nós vamos morrer, então, o que importa agora?

Max (*para Consuela*) – Nesse caso, é você quem deve ir despejar?

Consuela – Para quê? Ele tem razão, todos vamos morrer. Então, um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde. Não vale a pena cansar-me.

Maria – Então... Só temos de confiar em Deus...

Silêncio.

Amanda – E você, a Virgem Maria? O que a trouxe realmente aqui?

Maria – Digamos que... também estou nos negócios.

Consuela – Que tipo de negócios?

Amanda – Já não há necessidade de fingir, já sabem... Lembro-vos que sou polícia. Estou a par de tudo.

Maria – Oh, diabos, é verdade... Já não aguento mais isto...

Ela tira a sua barriga falsa.

Sergio – O que é isto?

Maria – Cocaína.

Carlos – Então, é a ela que vieram prender?

Amanda – Entre outros, sim... Porque neste barco, entre nós, tenho muitas opções, não é?

Todos olham para ela.

Maria – Está a correr um risco, minha querida...

Amanda – Ah, é?

Consuela – Está sozinha, somos seis.

Diana – Podemos querer livrar-nos de você.

Sergio – Na situação em que estamos, não seria surpreendente se nem todos sobrevivêssemos...

Consuela – Estou com tanta fome... E se a comêssemos a ela?

Dão um passo em direção a Amanda. Ela saca a arma novamente.

Amanda – Estão a esquecer-se de que estou armada...

Carlos – Está bem.

Todos param e depois recuam com precaução.

Maria – E você, Sergio? O que tem na sua mala? Uma bomba atômica miniaturizada?

Sergio – Não, mas é igualmente explosivo...

Carlos – Disse muito ou não o suficiente... O que é?

Sergio – Fundos de campanha secretos. De doadores totalmente desinteressados...
(*Apontando para Consuela*) Como a senhora...

Carlos – Não sabia que era tão generosa, minha querida...

Consuela – Mesmo que sejamos desinteressados, ainda podemos esperar alguns favores em troca, se o nosso querido Presidente for reeleito. E então? Prefere que a esquerda volte ao poder?

Max (*para Sergio*) – Está bem... Então também foi por isso que não queria passar pela alfândega...

Carlos – É incrível como os ricos podem ser solidários entre si quando se trata de preservar os seus privilégios...

Sergio – Estou a seguir ordens. O Presidente pediu-me que recuperasse urgentemente os fundos retidos pelo seu comité de campanha neste paraíso fiscal.

Maria – Urgentemente... Então sabia sobre o tsunami, não é verdade?

Sergio – Como chefe das forças armadas, o Presidente tem acesso privilegiado à meteorologia marítima.

Maria – Estava preocupado com o seu tesouro de guerra. Mas não avisou mais ninguém sobre o maremoto que devastou esta ilha e todos os seus habitantes...

Sergio – De qualquer forma, não havia lugar para todos nos barcos. Apenas alguns privilegiados foram informados.

Maria – Os seus generosos doadores, por exemplo. Os que financiam a sua campanha.

Max – Sim... Como você, Consuela.

Carlos – Então, você também sabia disso?

Consuela – Deveria agradecer-me, idiota! Afinal, salvei-lhe a vida...

Carlos – Só fez uma reserva para você! Se não a tivesse apanhado no vestíbulo do hotel quando estava a fugir...

Amanda – Se vos pode consolar, eu também não sabia. E, no entanto, sou da polícia. Se não tivesse decidido seguir toda esta gente, teria sido arrastada pelo tsunami...

Carlos – Provavelmente era isso que o presidente queria. Encobrir a investigação com a investigadora... (*Para Diana*) Você também sabia?

Diana – Não... Mas claramente, o meu chefe estava a par... Agora percebo por que ele estava tão ansioso para encerrar a sua conta neste paraíso fiscal, e por que me enviou para lá para trazer o dinheiro dele em dinheiro vivo.

Max – Não lhe advertiu que podia ser arrastada por um tsunami.

Diana – Eu confiava completamente nele... Estou desapontada...

Sergio – Confiar no chefe do maior banco da França? Sua ingenuidade me surpreende, minha querida.

Carlos – E eles a chamam "a tubarão"...

Diana – Eu pensava que até os tubarões tinham uma família, que eu fazia parte dela, e que os tubarões não se devoravam uns aos outros...

Sergio – Bem, agora está claro sobre os limites da solidariedade entre os verdadeiros multimilionários e aqueles que lhes servem como criados esperando que lhes deixem algumas migalhas do banquete.

Max – Como disse um dos nossos grandes filósofos: "Quando as gaivotas seguem um barco de pesca, é porque pensam que vão atirar-lhes sardinhas."

Sergio – Não conhecia essa citação... Qual é o nome desse filósofo?

Max – Um jogador de futebol.

Maria (*para Sergio*) – De qualquer forma, podia ter avisado os marinheiros em greve. Dadas as circunstâncias, teriam voltado ao trabalho sem que fosse necessário pedir...

Sergio – Poderíamos tê-lo feito, sim...

Maria – Mas...?

Sergio – O chefe de estado desta república de bananas foi, no passado, amigo da França. E acima de tudo, amigo pessoal do nosso presidente. Ele também era muito generoso. Infelizmente...

Max – Suponho que esse amigo se tornou muito incómodo...

Sergio – Não posso dizer mais. Este caso é de interesse de estado.

Max – De qualquer forma, agora o problema está resolvido...

Sergio – Graças a Deus.

Max – E a este tsunami...

Apagão.

Quadra 6

Todos estão lá, exceto Maria. Eles estão cada vez mais parecidos com naufragos. Maria chega muito animada com uma garrafa de água em cada mão.

Maria – É um milagre! Ontem havia duas garrafas de água e hoje de manhã há quatro.

Amanda – A multiplicação das garrafas... Uma intervenção divina, sem dúvida?

Max – Não, mas ainda assim é um pequeno milagre. Choveu durante a noite e consegui encher algumas garrafas vazias.

Carlos – Não sabia que chovia no meio do mar.

Max – Surpreende-lhe?

Carlos – Sim. Não sei porquê...

Max – Vai permitir-nos não morrer de sede imediatamente.

Carlos – Sabe por que é que a água do mar é salgada, Capitão?

Max – Não... E você?

Carlos – Também não...

Consuela – Tem a certeza de que não está a sofrer de insolação, pobre Carlos? Devia usar um chapéu.

Carlos – Tem noção de que se a água do mar não fosse salgada? Resolveria muitos problemas no mundo.

Amanda – Vai continuar a incomodar durante muito tempo?

Diana – No que diz respeito a morrer de fome, felizmente, com todos esses peixes mortos que vêm à superfície...

Sergio – A poluição dos oceanos tem as suas vantagens, afinal.

Maria – A menos que todos morramos envenenados. Como esses peixes doentes que temos de comer, meio podres.

Diana pega um desses peixes e dá uma mordida.

Diana – Não é tão mau.

Amanda – Sim... Uma pessoa acostuma-se.

Consuela – Acho que já perdi cerca de dez quilos.

Carlos – Bem, vê? A lipoaspiração pode esperar um pouco mais...

Amanda – Vou ver se consigo pescar alguns...

Amanda afasta-se. Os outros continuam a mastigar os seus peixes. Amanda volta apressadamente.

Amanda – Já está, vemos a costa!

Diana – Não?

Amanda – Mas sim, vejam!

Todos olham.

Consuela – Não é uma ilusão, pelo menos?

Max – Maldição, sim, é verdade!

Carlos – Terra! Terra! É incrível, sinto-me como Cristóvão Colombo quando descobriu a América.

Maria – Espero que não tenhamos derivado tão longe, mas... Graças a Deus, estamos a salvo!

Max – Já era tempo. Mesmo tirando água dia e noite, o barco estava a afundar cada vez mais.

O ambiente relaxa imediatamente e eles voltam a sorrir.

Diana – Ufa... Finalmente encontraremos a civilização.

Max – Exceto que perdemos muito dinheiro.

Consuela – E alguns quilos.

Max – No final, recuperaremos. Rico um dia, rico para sempre...

Sergio – Sim... A menos que acabemos na prisão.

Todos os olhos se voltam para Amanda.

Amanda – Prometo que não direi nada. Depois de tudo o que passámos juntos...

Consuela – Obrigada.

Amanda – Mas o Presidente, ele está a safar-se muito bem, não está?

Sergio – Percebo isso como uma insinuação neste último comentário... até uma tentativa de chantagem com extorsão de fundos.

Amanda – Palavras grandes de imediato... Mas não ficaria contra uma pequena gratificação pelo serviço prestado à pátria... e em recompensa pela minha discricção.

Max – E nós também não ficaríamos contra uma pequena compensação. Porque com todo o dinheiro que perdemos neste desastre ecológico...

Maria – Entre nós, se contarmos o que sabemos... A reeleição do seu Presidente estaria seriamente comprometida.

Sergio – Bem, entre pessoas bem-educadas, sempre se pode resolver...

Max – E que tal uma pequena medalha? Graças à minha ação heroica, consegui salvar algumas vidas.

Sergio – Falarei com o Presidente.

Todos voltam a olhar para a costa.

Max – Os ventos estão a favor, estamos a aproximar-nos da costa. Só precisamos esperar...

Consuela – É estranho. Não parece muito a costa francesa.

Carlos – É verdade... Com todas estas palmeiras...

Amanda – O que é certo é que não é a Bretanha.

Sergio – E a bandeira que está a hastear no porto não é francesa.

Carlos – O que poderá ser? Córsega?

Sergio – Há um barco a aproximar-se, perguntaremos a eles.

Maria – É apenas um grande barco, e há cerca de cem pessoas nele.

Consuela – Parecem migrantes.

Carlos – Mas por que razão deixariam a França e iriam para o mar?

Diana – Agora vejo melhor a bandeira.

Maria – Parece um pouco com a bandeira de Marrocos...

Max – Que bandeira é essa?

Amanda (*para Sergio*) – Sabe alguma coisa sobre bandeiras?

Carlos – Não é pelo menos a bandeira palestiniana?

Sergio – Pior...

Consuela – O que poderá ser pior do que desembarcar na Faixa de Gaza?

Sergio – É a bandeira da Líbia...

Todos ficam paralisados, atónitos.

Apagão.

Quadro 7

Todos estão lá, atordoados, olhando para o fundo da sala, que representa esta costa inóspita.

Amanda – Desta vez a praia parece muito nítida.

Consuela – Sim, mas questiono se há algo para comemorar.

Maria – Até começamos a ver seus rostos.

Max – E suas Kalashnikovs...

Carlos – Parece que alguns deles estão se divertindo.

Diana – Eles ficarão surpresos ao nos ver, com certeza.

Sergio – Claro. Normalmente, o tráfego vai na direção oposta.

Maria – Uma gangue de bilionários desembarcando na costa líbia com malas cheias de dinheiro, títulos do Tesouro e sacolas de cocaína...

Max – Talvez seja melhor nos livrarmos de tudo isso, não?

Consuela – Lançar nosso dinheiro ao mar?

Sergio – Poderíamos sempre dar-lhes os títulos do Tesouro, já não valem nada.

Diana – Se nos encontrarem com todo esse dinheiro, nos matarão para nos despojar dele.

Sergio – Mas se chegarmos de mãos vazias, famintos e vestidos como miseráveis, eles não entenderão... e também podem ficar furiosos.

Maria – É difícil se passar por migrantes franceses tentando desembarcar na Líbia em busca de asilo político.

Max – Se ao menos pudéssemos contar a verdade.

Amanda – Eles nunca acreditarão em nós.

Maria – Temos que admitir que esta história é bastante difícil de acreditar.

Max – Sim...

Um telefone celular toca. É o de Sergio, que atende.

Sergio – Sim...? Sim, senhor Presidente. Muito bem, senhor Presidente. Obrigado, senhor Presidente.

Ele desliga o celular.

Consuela – E então?

Sergio – Era o Presidente.

Maria – E daí?

Sergio – As forças aéreas francesas na região acabaram de nos localizar. Estão enviando um helicóptero.

O som de um helicóptero de reconhecimento pode ser ouvido se aproximando e depois se afastando.

Maria – Deus existe!

Consuela – Estamos salvos! Finalmente, espero que desta vez seja a certa...

Carlos – Sim, porque já estamos cansados de todos esses acontecimentos. Esta comédia durou demais.

Sergio – Fiquem tranquilos, desta vez é o fim de todos os nossos problemas.

Amanda – Não acham que este final é um pouco ao estilo de um faroeste? Com a chegada da cavalaria...

Maria – O importante é que tudo acabou bem.

Diana – Sim... Um verdadeiro conto de fadas.

Max – Poderia até terminar com um casamento... Como capitão deste navio, estou qualificado para celebrá-lo.

Carlos – Bem, eu arrisco... (*Ajoelha-se diante de Consuela*) Consuela, quer casar comigo?

Consuela – Vai para o inferno!

Amanda – Infelizmente, desta vez não será.

Diana – Mas a boa notícia é que em poucas horas estaremos na França.

Alívio geral e cumprimentos mútuos.

Diana – Ainda bem que o Presidente valoriza a sua colaboração. Deve ser um colaborador muito valioso.

Sergio – Ele valoriza principalmente recuperar a sua mala e os milhões que ela contém para financiar a sua campanha.

Maria – Você tem certeza de que não acabaremos todos na prisão? Tenho pelo menos cinco quilos de cocaína na minha bagagem de mão.

Consuela – Depois de tudo o que passamos, a prisão seria quase um alívio.

Sergio – Fiquem tranquilos, eu prometi a eles. O Presidente fará de tudo para manter este assunto em segredo.

Amanda – Será o exército que nos repatriará, não a polícia. Isso facilitará muito as coisas.

Sergio – As Forças Especiais estão acostumadas a negócios sujos e estão a serviço do Presidente.

Diana – Menos mal, menos mal... Então, resumindo... Tudo está bem quando termina bem!

Carlos – Exceto para alguns cidadãos deste pequeno estado que acaba de ser apagado do mapa.

Consuela – Bem, quase todos eram empregados de banco. Se falarmos de um paraíso fiscal, podemos considerar que morreram pela pátria.

Max – E temos que dizer, o desaparecimento de Sodoma e Gomorra resolve os problemas de todos, não é verdade, Sergio?

Sergio – Agora posso dizer que o Estado francês, na pessoa do seu Presidente, tinha uma enorme dívida com o Banco Central deste pequeno paraíso.

Amanda – Sem paraíso, não há dívida.

Sergio – E quando as dívidas de França são apagadas, todos os franceses ficam um pouco mais ricos. Bem, pelo menos alguns franceses...

Diana – Isso é o que chamamos de uma dívida mágica: apagamos tudo e começamos de novo. O espetáculo terminou, mas os negócios continuam.

Sergio – O Presidente prometeu eliminar os paraísos fiscais. Pela primeira vez, um candidato que cumpre suas promessas.

Max – Um paraíso perdido, dez recuperados.

Amanda – Mas por enquanto, graças ao nosso amado Presidente, voltaremos ao nosso belo país.

Carlos – Viva o Presidente!

Sergio – Viva a República!

Carlos – Viva a França!

Todos juntos – Viva a Finança!

Todos ficam em posição de sentido. A Marselhesa toca e depois desaparece enquanto todos saem em formação fechada e marchando. Diana está no final da fila e sai pela última vez.

Diana (saindo) – Acabei de ter outro orgasmo...

Apagão.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Encontro na plataforma
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*

<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-025-4

Documento para download gratuito